

Arquitetura e Urbanismo: Competência e Sintonia com os Novos Paradigmas do Mercado 2

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)



Arquitetura e Urbanismo: Competência e Sintonia com os Novos Paradigmas do Mercado 2

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof^a Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)
<p>A772 Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : competência e sintonia com os novos paradigmas do mercado 2 / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-029-2 DOI 10.22533/at.ed.292202904</p> <p>1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Migliorini, Jeanine Mafra.</p> <p style="text-align: right;">CDD 720</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A arquitetura é a arte que dispõe e adorna de tal forma as construções erguidas pelo homem, para qualquer uso, que vê-las pode contribuir para sua saúde mental, poder e prazer.

John Ruskin

Todos vivemos a arquitetura, sentimos e interpretamos seus espaços e seus vazios, é arte cotidiana. Os espaços projetados pelo homem têm impacto direto sobre nosso sentir e fazer, um edifício bem planejado traz satisfação, traz conforto para o desenvolvimento das atividades humanas, esses impactos são sentidos fisicamente e psicologicamente, e por isso se faz relevante as análises que destes espaços aqui se apresentam.

Este livro se propõe a discutir a arquitetura de maneira ampla e profunda, entendendo que o espaço vivido assume dimensões além do palpável, passa pelos caminhos da história, da sociologia, da matemática e outras ciências, e que esta relação oferece análises mais complexas e reais.

Arquitetura acontece em escalas diferentes, do pequeno cômodo às grandes cidades, do móvel da casa ao mobiliário urbano, é um universo que se dispõe a ser estudado, a ser desvendado. A organização deste livro segue a escala de seus objetos de estudo, iniciando pela arquitetura, sua história e sua atualidade, na forma como a ocupação pode ser ressignificada, ou como a falta de acessibilidade limita o viver o espaço. Passa à escala urbana, as análises do que já foi, do que está sendo e do que pode ser.

Caminhar entre as relações do homem com o espaço é trabalho complexo, pois necessita da análise objetiva, mas não pode descartar o lado humano destas relações. Oferecer estes estudos é plantar sementes para novas discussões, que acabam por interferir diretamente em nossas casas, bairros e cidades.

Boa leitura e muitas reflexões!

Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CASA DO CHAME-CHAME: CONEXÕES COM CULTURA LOCAL E ARQUITETURA MODERNA INTERNACIONAL	
Silvia Lopes Carneiro Leão	
Raquel Rodrigues Lima	
DOI 10.22533/at.ed.2922029041	
CAPÍTULO 2	24
ARQUITETURA ASSOCIADA AO “ART DÉCO” NO BRASIL: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS	
Fernanda de Castro Farias	
Nelci Tinem (<i>in memoriam</i>)	
DOI 10.22533/at.ed.2922029042	
CAPÍTULO 3	41
DE SANTIAGO DE COMPOSTELA À PORTO ALEGRE: METAMORFOSES DE LINGUAGEM NOS MUSEUS DE ÁLVARO SIZA ENTRE 1988 E 1998	
Raul Penteado Neto	
Joubert José Lancha	
DOI 10.22533/at.ed.2922029043	
CAPÍTULO 4	60
SISTEMATIZAÇÃO DE DIRETRIZES PROJETOVAIS PARA MEIOS DE HOSPEDAGEM PERSONALIZADOS PARA CICLOTURISTAS COMO INCENTIVO À CICLOMOBILIDADE	
Jeane Aparecida da Silva	
Leandro Silva Leite	
DOI 10.22533/at.ed.2922029044	
CAPÍTULO 5	69
DE AGÊNCIAS BANCÁRIAS A CENTROS CULTURAIS: A PRESENÇA DA ARQUITETURA DOS BANCOS NA PAISAGEM DAS CIDADES	
Janércia Aparecida Alves	
Frederico Braida Rodrigues de Paula	
José Gustavo Francis Abdalla	
DOI 10.22533/at.ed.2922029045	
CAPÍTULO 6	82
VIDA RIBEIRINHA: UMA ANÁLISE DE COMO A FALTA DE ACESSIBILIDADE PODE INFLUENCIAR NA QUALIDADE DE VIDA DOS MORADORES DA ILHA DO COMBU EM BELÉM, PARÁ	
Érica Corrêa Monteiro	
Angelo Giovani dos Santos Feio	
Kayan Freitas de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.2922029046	
CAPÍTULO 7	95
A OCUPAÇÃO PORTUGUESA NO EXTREMO SUL DO BRASIL: A COLÔNIA DO SACRAMENTO E O HIBRIDISMO CONFIGURACIONAL	
Ivan Oliveira de Grande	
Valério Augusto Soares de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.2922029047	

CAPÍTULO 8	110
A REGIÃO DOS JARDINS EM SÃO PAULO: PATRIMÔNIO, PRESERVAÇÃO E MUDANÇA	
Luiza Veiga Mathias	
José Geraldo Simões Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.2922029048	
CAPÍTULO 9	130
TEORIA E PRÁTICA: DO CONCEITO AO PROJETO	
Letícia Peret Antunes Hardt	
Carlos Hardt	
Marlos Hardt	
DOI 10.22533/at.ed.2922029049	
CAPÍTULO 10	140
GOIÂNIA, ENTRE O EFEITO GENÉRICO E AS PERMANÊNCIAS	
Pedro Henrique Máximo Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.29220290410	
CAPÍTULO 11	153
GEOMETRIA FRACTAL E OS VAZIOS URBANOS (EUCLIDIANOS)	
Solimar Mendes Isaac	
Fernando Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.29220290411	
CAPÍTULO 12	170
CIDADE, EDIFICAÇÃO E VAZIO	
Elisabete Castanheira	
DOI 10.22533/at.ed.29220290412	
SOBRE A ORGANIZADORA	180
ÍNDICE REMISSIVO	181

A OCUPAÇÃO PORTUGUESA NO EXTREMO SUL DO BRASIL: A COLÔNIA DO SACRAMENTO E O HIBRIDISMO CONFIGURACIONAL

Data de aceite: 13/04/2020

Data de submissão: 20/12/2019

Ivan Oliveira de Grande

Universidade de Brasília, Programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (PPG-FAU)

Brasília – DF

<http://lattes.cnpq.br/6550330506180503>

Valério Augusto Soares de Medeiros

Universidade de Brasília, Programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (PPG-FAU)

Brasília – DF

<http://lattes.cnpq.br/4671263508814146>

RESUMO: A investigação das contínuas transformações espaciais ocorridas na antiga Aldeia de Manuel Lobo (fundada em 1680), atual Colônia do Sacramento, no Uruguai, associa-se às pesquisas que procuram interpretar os modos de construção e consolidação das cidades de origem colonial portuguesa ao redor do mundo. Com base nesta premissa, o artigo procura compreender as transformações morfológicas experimentadas pela cidade, do centro antigo às áreas de expansão, tendo por base a leitura configuracional segundo a Teoria da

Lógica Social do Espaço ou Sintaxe do Espaço (HILLIER; HANSON, 1984; MEDEIROS, 2013). Por meio de estratégias teóricas, metodológicas e ferramentais associadas à abordagem, o sistema urbano é analisado diacronicamente em seus aspectos formais, consoante variáveis vinculadas a três categorias de interpretação: a) concentração ou dispersão da mancha urbana; b) regularidade da forma do mapa; e c) existência de unidade de grelha predominante. Busca-se compreender o quanto esta cidade de apelo patrimonial (cujo núcleo pioneiro é resultado do assentamento português) mantém as características iniciais de implantação. Os resultados obtidos apontam que, durante décadas como palco de disputas entre as coroas portuguesa e a espanhola, o núcleo urbano experimentou diversas mudanças, de modo que hoje a estrutura do assentamento muito se distancia da configuração setecentista. A sobreposição de tipos morfológicos e o padrão resultante produzem um afastamento entre as características do centro antigo, classificado como Patrimônio Cultural da Humanidade pelo UNESCO em 1995, e o sistema urbano atual, relegando o primeiro a um apêndice da Colônia contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Colonização portuguesa. Colonização espanhola. Colônia do Sacramento.

THE PORTUGUESE OCCUPATION IN EXTREME SOUTH BRAZIL: THE COLONIA DEL SACRAMENTO AND CONFIGURATIONAL HYBRIDISM

ABSTRACT: The investigation of the continuous spatial transformations that took place in the former Manuel Lobo Village (founded in 1680), present-day Colonia del Sacramento, Uruguay, is associated with researches that seek to interpret the ways of construction and consolidation of Portuguese's colonial cities around the world. Based on this premise, the article seeks to understand the morphological transformations experienced by this city, from its historic center to the expansion areas, based on the configurational reading and according to the Social Logic of Space Theory (HILLIER; HANSON, 1984; MEDEIROS, 2013). Through theoretical, methodological and tooling strategies associated with the approach, the urbanized area of Colonia is analyzed diachronically in its formal aspects, according to variables linked to three interpretation categories: a) concentration or dispersion of the urbanized area; b) map shape regularity; and c) existence (or not) of predominant grid unit. We seek to understand how this city of patrimonial appeal (whose pioneering nucleus is the result of the Portuguese settlement) maintains the initial characteristics of its implementation. The results show that after decades as a place of disputes between the Portuguese and Spanish Royal Crown, the urban nucleus underwent several changes, so that today the structure of the settlement is very far from the 17th century configuration. The overlap of morphological types and its resulting patterns produce a gap between the characteristics of the Colonia's historic center (classified as a World Cultural Heritage by UNESCO in 1995) and the current urbanized area, relegating the former to an appendix of the contemporary Colonia del Sacramento.

KEYWORDS: Portuguese colonization. Spanish colonization. Colonia del Sacramento. Morphological patterns.

1 | INTRODUÇÃO

É no período do Renascimento (séc. XVI) que se inicia a colonização europeia pelo mundo. Segundo Benevolo (2012), nesse momento, as realizações urbanísticas em territórios além-mar se consolidaram com a aplicação das novas técnicas e configurações nas cidades a serem colonizadas. Embora a cultura renascentista já apresentasse intenções primárias de reestruturação urbana de seu território (como as propostas para as cidades de Urbino, Ferrara e Pienza, na Itália), é no vasto território a ser colonizado pelos conquistadores que os grandes programas de ocupação e urbanização ocorreram. Segundo Rezende e Moraes (1987), nesse contexto, Portugal e Espanha antecederam as demais nações na exploração colonial

que se iniciou a partir do estabelecimento da linha demarcatória entre as zonas reservadas à colonização para esses países por meio do Tratado de Tordesilhas, em 1494, estabelecido pelo papa Alexandre VI (1431 - 1503).

Segundo Benevolo (2012), a partir dos portos de Sevilha e de Lisboa, as explorações oceânicas dão início às distintas maneiras de ocupação territorial. Nas cidades colonizadas, pela ótica de suas configurações, nota-se o resultado de uma racionalidade própria vinculada tanto à tradição ultramarina portuguesa, quanto à espanhola.

A partir destas premissas, o estudo explora como se deram estas estratégias de ocupação nos territórios coloniais da Espanha e de Portugal, tendo por estudo de caso a configuração da cidade de Colônia do Sacramento: embora o assentamento atualmente pertença ao Uruguai, foi local de disputa entre as duas coroas ibéricas, no que já integrou o extremo sul do Brasil.

Busca-se compreender o quanto esta cidade de apelo patrimonial (cujo núcleo pioneiro é resultado do assentamento português e considerado Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO) mantém as características iniciais de implantação e quais as relações configuracionais entre ela e as cidades brasileiras de origem portuguesa.

2 | CONSTRUÇÃO DA PESQUISA E ESTRUTURA

Por sua peculiaridade morfológica e forma urbana passível de estudo, pretende-se identificar a relação entre a configuração ou morfologia urbana da Colônia de Sacramento com as características elencadas por Medeiros (2013) em relação a sítios históricos de origem portuguesa, neste caso, brasileiros. Muito embora estando hoje em território uruguaio, a Colônia do Sacramento esteve sobre domínio português e desde o Tratado de Tordesilhas foi palco de disputas bélicas com a Coroa espanhola.

Para tanto, emprega-se a Teoria da Lógica Social do Espaço ou Sintaxe Espacial (HILLIER e HANSON, 1984; HOLANDA, 2006; MEDEIROS, 2013) em seus aspectos teóricos, metodológicos e ferramentais por permitir a correlação de variáveis configuracionais e diversas instâncias da dinâmica urbana, como a formação, expansão e deslocamento de centralidades (Figura 1).

Hillier e Hanson (1984) defendem que as novas relações configuracionais que surgem a partir do crescimento da cidade afetam a vitalidade dos centros antigos, reorganizam a dinâmica urbana e desencadeiam um problema de compatibilidade entre o estoque de infraestrutura e as funções urbanas, certamente comprometendo o desempenho do lugar. Sobre esta perspectiva, em Medeiros (2013) foram examinadas as feições relacionais nas cidades brasileiras para promover o entendimento da

maneira pela qual diferentes arranjos entre espaços abertos e fechados implicariam tipos espaciais distintos. As cidades da amostra exploradas pelo autor (divididas em dois grupos distintos, onde o 1 concentrou assentamentos com população entre 300.000 e 500.000 habitantes, e superior – respectivamente tipo B e A, e 2, com assentamentos tombados – cidades tipo C) foram avaliadas quanto às suas estruturas hierarquizadas, diferenciada em termos de permeabilidades, isto é, os graus de acessibilidade topológica nos diversos espaços abertos integrantes de um assentamento urbano.



Figura 1. Mapa aéreo da Colônia do Sacramento, a macha de expansão urbana e a relação espacial com o centro histórico (em vermelho). Fonte: Google Earth, 2018 (com adaptação).

Aqui nos interessa verificar tais relações entre cidades de caráter patrimonial (tipo C) exploradas por Medeiros (2013), já que há uma relação tempo-espaço singular na Colônia do Sacramento que atualmente vai incidir diretamente na construção do espaço urbano de origem e interesse histórico-patrimonial.

A investigação se concentra em identificar os padrões geométricos e as diferenças entre as suas “formas-espaços” urbanas. A expressão é explorado por Holanda (2007) e Medeiros (2013) e se refere ao estudo dos vazios, cheios e suas relações; os autores ampara-se no conceito de Coutinho (1998) ao interpretar a arquitetura em seus componentes-meio (cheios, sólidos, maciços, invólucros: a forma) e componentes-fim (vão, vazios, ocos: o espaço).

Com seu núcleo urbano tombado como Patrimônio Mundial (UNESCO, 1995) e resultado do técnicas de assentamento urbano português, cabe perguntar: a Colônia mantém as características iniciais na forma de sua malha urbana ou se aproxima das características de outros assentamentos mais contemporâneos, também de

caráter histórico-patrimonial?

Através de análise exploratória e qualitativa, baseando-se no mapa axial da Colônia (onde os eixos vermelhos indicam as áreas mais integradas e os eixos azuis as menos integradas em relação ao sistema) (MEDEIROS, 2018), de imagens aéreas e vistas locais (GOOGLE, 2018), pretende-se ler o território em questão sob os aspectos de forma e de distribuição pela ótica de 3 variáveis: V1) concentração ou dispersão da mancha urbana; V2) regularidade da forma do mapa; e V3) existência de unidade de grelha predominante.

3 | OBJETOS DE ANÁLISE: ASSENTAMENTOS DE ORIGEM PORTUGUESA, ESPANHOLA E A COLÔNIA DO SACRAMENTO

Os portugueses encontraram em seu hemisfério de exploração territórios ou inóspitos, sobretudo na África Meridional, ou Estados populosos e resistentes no Oriente que não podiam ser efetivamente conquistados. Por isso, a empresa dos Descobrimentos estruturou-se inicialmente em bases navais para controle do comércio marítimo – tais como Goa, Damão e Málaga, sem empreenderem uma colonização em grande escala, o que apenas ocorreu em etapa posterior, principalmente no Brasil (AZEVEDO, 1970).

A partir do séc. XV, devido à necessidade de povoamento das colônias, as vilas e os núcleos urbanos contribuíram para o desenvolvimento urbanístico português. Esse processo, segundo Caldeira (2010, p. 21) “serviu como laboratório para implementar novas diretrizes urbanas que, posteriormente, constituíram parâmetros morfológicos e urbanísticos”.

No Brasil colonial, a atividade urbanística começou a partir da década de 1530, quando a colonização ganhou impulso com a criação das Capitanias Hereditárias e a fundação das primeiras vilas, como Igaraçu e Olinda, consolidadas por Duarte Coelho Pereira, em cerca de 1535, e como São Vicente fundada por Martim Afonso de Sousa, em 1532. Mais tarde, em 1549, foi fundada a cidade de Salvador por Tomé de Sousa como sede do Governo-Geral (MEDEIROS, 2011).

Nessas cidades, e como característica dos assentamentos portugueses, havia uma estreita relação entre a aplicação de um plano urbano pré-definido e as características do território. As intenções que antecederiam a escolha e a conformação dos sítios colonizados estavam geralmente relacionadas ao escoamento de mercadorias pelos rios e pelo mar, à defesa territorial (principalmente na escolha de sítios geograficamente elevados) e à agilidade na comunicação com a metrópole (TEIXEIRA, 2012; LOUREIRO, 2012).

No século XVII, a fundação de novos núcleos urbanos no Brasil ganhou maior

impulso, iniciando com 38 e terminando com cerca de 60. Em todas as épocas, o urbanismo português caracterizava-se pela síntese “de uma ideia de regularidade e de rigor, por um lado, com uma grande capacidade de entender e de se articular intimamente com o território, por outro” (TEIXEIRA, 2004, p. 3). As cidades coloniais portuguesas caracterizavam-se, portanto, por duas vertentes: a vernacular e a erudita. A primeira, relacionada à capacidade de adaptação e de articulação com o terreno e suas condicionantes topográficas, a segunda, relacionada à aproximação de regularidade geométrica do traçado urbano. A síntese dessas duas vertentes, portanto,

traduz-se em traçados urbanos em que a ideia de regularidade que lhes está subjacente – e que é claramente perceptível – é deliberadamente moldada às realidades físicas do território em que se constrói (TEIXEIRA, 2004, p. 4).

Ao contrário dos portugueses, os espanhóis encontraram um território mais adequado à colonização nos planaltos da América Central e Meridional, consolidados com impérios indígenas ricos e desenvolvidos, mas incapazes de resistir aos conquistadores europeus. Muito provavelmente devido a esta baixa condição de resistência à ocupação que a configuração do território colonizado pelos espanhóis se mostrasse diferente da conformação portuguesa, constituída por muros e por torres de controles à resistência bélica (BENEVOLO, 2012).

As novas cidades colonizadas espanholas deveriam seguir às *Leys Generales de las Índias*, legislação aprovada pelos monarcas espanhóis para reger as relações sociais, políticas e econômicas entre as pessoas da parte americana da monarquia espanhola. São consideradas a primeira legislação urbanística da Idade Moderna, se baseavam nos tratados renascentistas e buscavam o ideal de regularidade geométrica expresso por um tabuleiro de ruas retilíneas que definiam uma série de quarteirões iguais, geralmente quadrados, já que tal modelo contribuiria para a facilidade de implantação e de defesa (DANTAS, 2004). Portanto, e em relação a estrutura interna das cidades, argumenta-se que ao comparar as colonizações espanhola e portuguesa na América Latina

o próprio traçado dos centros urbanos na América Espanhola denuncia o esforço determinado de vencer e retificar a fantasia caprichosa da paisagem agreste [...]. As ruas não se deixam modelar pela sinuosidade e pelas asperezas do solo (HOLANDA, 1963, p. 62).

Segundo Benevolo (2012), a conformação urbana nas cidades de colonização espanhola seria como uma espécie de especialização da técnica urbana com a intenção de organização do ambiente construído através dos princípios da simetria e da regularidade geométrica, diferentemente das cidades portuguesas onde se percebe ser raro que “a métrica ou a geometria que está na base do desenho, muitas vezes uma simples grelha ortogonal, se traduza literalmente no traçado que

é *efectivamente* construído” (TEIXEIRA, 2004, p. 6 – grifo nosso).

A investigação das transformações espaciais ocorridas na antiga Aldeia de Manuel Lobo (fundada em 1680), atual Colônia do Sacramento (Uruguai) busca, portanto, interpretar os modos de construção e de consolidação deste núcleo urbano de origem colonial portuguesa, com posterior posse espanhola. Inscrito na Lista de Patrimônio Mundial da UNESCO (1995), o sítio histórico da Colônia do Sacramento mantém os elementos configuracionais que traduzem as contínuas mudanças espaciais ocorridas desde sua fundação e expressam seu valor universal excepcional por manter as formas urbanas oriundas tanto de Portugal quanto da Espanha.

Apesar da passagem dos anos, a antiga colônia manteve parcialmente sua estrutura e sua escala urbana e edilícia, remontando o passado de disputas bélicas entre as duas Coroas. Segundo Teixeira (2004), a ocupação portuguesa durou de 1680 a 1777 e, após este período, o território foi finalmente conquistado pela Espanha, consolidando-se em 1828 como parte integrante do Uruguai.

Nos estudos de Moreira (2009), o levantamento cartográfico do território no período de disputas entre espanhóis e lusitanos resultou em mapas-síntese urbanos que apresentam a evolução ocupacional e a dualidade morfológica do sítio em estudo. Muito embora a Colônia tenha tido as práticas do modelo português de colonização em seu primeiro momento de ocupação (região do centro histórico) e, posteriormente, do modelo espanhol (nas áreas de expansão urbana, após a conquista), Teixeira (2004) adverte para a complexa compreensão territorial dada à sobreposição destas configurações distintas já que

A incompreensão da sua estrutura, em que apenas se via a sua irregularidade e não os princípios ordenadores que lhes estavam subjacentes, foi-a transformando na imagem, algo pitoresca e caricatural, daquilo que, na perspectiva da cultura urbanística espanhola, é uma cidade de origem portuguesa. (TEIXEIRA, 2004, p. 11).

Durante décadas como palco de disputas entre as Coroas, o núcleo urbano experimentou diversas mudanças, de modo que hoje a estrutura do assentamento muito se distancia da configuração setecentista. Nesse contexto, a estrutura urbana que permaneceu e que continua a ser vivenciada na Colônia do Sacramento revela as diferenças entre o passado e o presente; entre a tradição do urbanismo português e o urbanismo espanhol que coexistem e se sobrepõem no território.

4 | RESULTADOS

Com base na estrutura de pesquisa e nos atributos da Teoria da Lógica Social do Espaço, as análises foram procedidas segundo as categorias de investigação. A

variável 1 (V1) se relaciona à concentração ou à dispersão da mancha urbana e nos apresenta as características de compactação e de fragmentação da malha viária ao se observar a estrutura do tecido urbano. De modo geral, a descontinuidade está relacionada às questões geográficas peculiares de implantação que resultam em grandes vazios urbanos.

Para as cidades brasileiras (tipo C), Medeiros (2013) aponta que 65% dos núcleos urbanos de interesse patrimonial apresentam manchas contínuas, diferentemente do observado na mancha urbana atual da Colônia do Sacramento, cuja expressiva descontinuidade e vazios podem estar relacionados às condições geográficas dos pampas (região natural, pastoril e de planícies com coxilhas cobertas por campos e várzeas de rios pequenos) (Figura 2). Localizados no sul da América do Sul, geograficamente abrangem a metade meridional do estado brasileiro do Rio Grande do Sul (ocupando cerca de 63% do território do estado), o Uruguai e as províncias argentinas de Buenos Aires, La Pampa, Santa Fé, Córdoba, Entre Rios e Corrientes.

Para a Teoria da Lógica Social do Espaço (Sintaxe Espacial), a acessibilidade topológica é medida pelo grau de integração ou segregação de um trecho urbano (via, praça ou bairro) sendo que a medida de integração, historicamente mais importante da abordagem, refere-se à distância média de uma linha ou de um conjunto de linhas a que são reduzidos os percursos urbanos, ante as demais do sistema. Essa distância é de natureza antes topológica do que geométrica, ou seja, é obtida em razão de quantas linhas axiais (eixos topológicos de vias) que temos que minimamente percorrer para ir de uma dada posição na cidade a outra e não em virtude dos metros lineares de percurso que separam minimamente essas posições. Em outras palavras, trata-se de quantas inflexões de percurso temos de minimamente operar entre uma dada linha e todas as outras do sistema (HILLIER; HANSON, 1984). Os valores de integração são relevantes enquanto medida de centralidade, pois demonstram, em um mapa, quais áreas são mais acessíveis (representadas em cores quentes), ou menos (expressas em cores frias).



Figura 2. Mapa axial da Colônia do Sacramento, processado para a variável integração global, e a grande área descontínua da malha urbana, na várzea do *Arroyo La Callada* (escala não indicada). Fonte: MEDEIROS, 2018 (com adaptação).

A variável 2 (V2) se relaciona à forma do mapa axial e permite explorar os eixos orientadores na composição da tessitura viária. Aqui, por exemplo, são identificadas malhas com predominância de eixos retos – perpendiculares ou paralelos (malha regular – V2. REG), de linhas de caráter orgânico (malha irregular – V2. IRREG) ou que mesclam ambas as características acima (malha intermediária – V2. INTERM) (Figura 3).

O mapa axial da Colônia é heterogêneo, com visível tendência à estrutura em formato de tabuleiro de xadrez, embora haja partes mais irregulares e/ou fragmentadas. A modelagem, com representação das áreas mais integradas às áreas menos integradas globalmente, aponta que a centralidade pioneira de origem portuguesa, o centro antigo (CA), não mais se apresenta como lugar de maior integração, muito provavelmente devido à sua configuração de malha urbana intermediária (V2. INTERM). A interpretação também está identificada pelo levantamento cartográfico nos estudos de Moreira (2009) e pela mudança do Núcleo de Integração (NI) (conjunto de eixos mais vermelhos), devido à expansão urbana rumo às áreas mais periféricas do sistema.

As áreas de maior integração, de malha regular (V2. REG), estão relacionadas principalmente às expansões de origem espanhola na Colônia e que traduzem (pela reticularidade dos quarteirões, pela presença de grandes eixos viários e pela regularidade da tessitura urbana) o conjunto das principais características dos

assentamentos coloniais espanhóis que permaneceram na expansão das cidades latino-americanas com essa herança histórica.

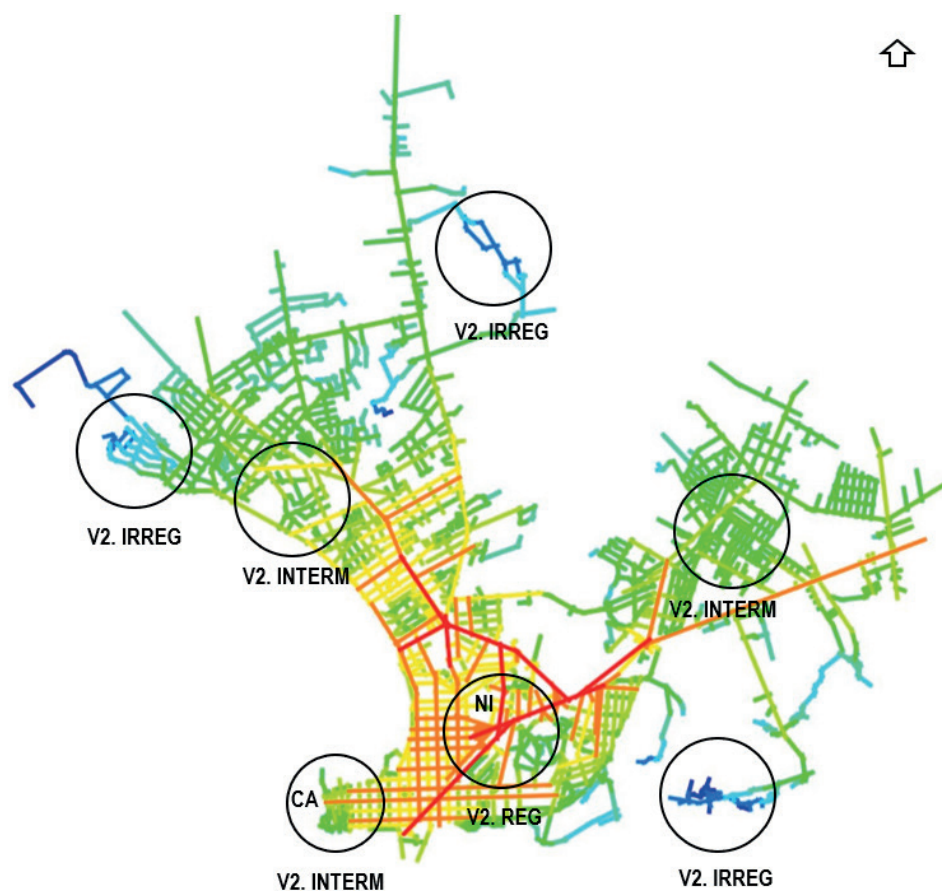


Figura 3. Mapa axial da Colônia do Sacramento (variável integração global) e as áreas com predominância de malhas regulares, intermediárias e irregulares (sem escala). Fonte: MEDEIROS (com adaptação), 2018.

Portanto, nesta área de maior conexão com o sistema é coincidente a presença de importantes equipamentos públicos e privados de alcance global que corroboram a eficiência de malhas regulares ou ortogonais para a maior integração na cidade, em razão da promoção da acessibilidade. A Avenida Franklin D. Roosevelt, importante eixo viário de integração global (Figura 4, linha em vermelho), marca o que Medeiros (2013) considera como a área mais integrada (núcleo integrador ou NI) no mapa axial da Colônia do Sacramento (MEDEIROS, 2018).



Legenda:

1. Novo Terminal Marítimo e Rodoviário
2. Parque Industrial Zona Franca
3. Colônia Shopping Center
4. Parque Público Ferrando
5. Batalhão de Infantaria

Figura 4. Imagem de satélite núcleo integrador (NI), em que se identifica a predominância da malha regular e a presença de importantes equipamentos públicos e privados de alcance global. Fonte: Google Earth, 2018 (com adaptação).

Nas áreas menos integradas do mapa axial da Colônia (V2. IRREG), a irregularidade do traçado corresponde às formas menos ortogonais, mais ligadas à geometria do espaço natural: por intenção estilística (como observadas nas áreas de acesso restrito aos condomínios residenciais fechados e ao hotel de luxo) ou porque ainda representam caminhos abertos de maneira “espontânea” em lugares que ainda não sofreram o processo de regularização urbana (como na *Playa Urbana Los Verdes*, às margens do Rio da Prata) (Figura 5).

Novamente em comparação com os sítios históricos brasileiros tombados (cidades tipo C), Medeiros (2013) aponta que 50% dos núcleos urbanos de interesse patrimonial apresentam malhas *regulares*, diferentemente do observado na mancha urbana atual da Colônia, cuja *sobreposição de diferentes configurações* da tessitura urbana (do centro antigo, CA, à região de expansão da cidade) compõem um conjunto morfológico híbrido.



Figura 5. A irregularidade do traçado ligada às questões estilísticas e à geometria do espaço natural (Sheraton Colônia Golf Club, à esquerda, condomínios fechados, à direita, e margem do Rio da Prata, abaixo). Fonte: Google Earth, 2018.

Por fim, a variável 3 (V3) consiste na observação da unidade do mapa axial como conjunto unitário e identifica se há, ou não, unidade compositiva global. Medeiros (2013) considera três possibilidades para a leitura morfológica: a) o padrão único ou primaz para a grelha, seja ela completamente ortogonal ou levemente deformada, b) o padrão de forma-espço orgânico, e c) o padrão resultante da composição de grelhas distintas ou “colcha de retalhos”.

Considerar as “[...] cidades coloniais brasileiras como apenas orgânicas não procede” (MEDEIROS, 2013, p. 339), da mesma maneira que não se pode considerar a Colônia do Sacramento como uma unidade de forma-espço estritamente regular, embora seu conjunto tombado tenha suas origens nos assentamentos urbanos portugueses da época colonial. O que se observa na malha urbana da Colônia do Sacramento pela ótica da variável 3 (V3) compõe o que aqui denominamos de *hibridismo configuracional*, muito observado nos processos de espalhamento urbano sentido subúrbios da maioria das cidades em crescimento na atualidade (CHIN, 2002).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser objetivo explorar a existência de um tipo morfológico na Colônia do Sacramento, atualmente no território uruguaio, na pesquisa foram procuradas as origens dos assentamentos estabelecidos inicialmente pelos portugueses e, posteriormente, pelos espanhóis. As configurações urbanas derivadas desses processos de ocupação são de notório apelo patrimonial. Para o caso da cidade

objeto de estudo, também por este motivo, o assentamento foi incluído como Patrimônio Mundial, pela Unesco, em 1995.

Muito embora seu conjunto urbano inicial se mostre de destacada relevância histórica, a cidade sob o olhar global apresenta na contemporaneidade características morfológicas distintas de seus lugares mais tradicionais (tanto no centro antigo de origem portuguesa quanto no núcleo de integração atual, de origem espanhola). A situação implica considerar em que medida as áreas tombadas de fato representam a realidade urbana ou apenas um fragmento, por vezes inexpressivo, dela. O que não é o caso para Colônia do Sacramento.

As ferramentas e as análises adotadas por Medeiros (2013), baseadas na Teoria da Lógica Social do Espaço, contribuíram para o empréstimo de três variáveis então utilizadas na identificação dos tipos morfológicos das cidades brasileiras. Em nosso caso, as comparações se deram entre os dados globais de cidades de caráter patrimonial no Brasil e o mapa axial da Colônia do Sacramento. No processo de expansão urbana e na sua configuração atual, a Colônia repete as características iniciais da forma da malha urbana (portuguesa e/ou espanhola) ou se aproxima das características de outros assentamentos mais contemporâneos?

A variável 1 (V1) indicou que embora 65% das cidades de interesse patrimonial brasileiras (tipo C) apresentem manchas contínuas, a Colônia apresenta características de compactação e de fragmentação da malha viária ou da estrutura do tecido urbano, pois as discontinuidades estão relacionadas às questões geográficas e/ou naturais peculiares do sítio e que resultam em grandes vazios urbanos.

A variável 2 (V2) indicou que embora 50% das cidades de interesse patrimonial brasileiras (tipo C) apresentem malhas urbanas regulares, a Colônia apresenta características híbridas no território, podendo ser identificadas áreas com malhas regulares (bem menos que o apontado por Medeiros, 2013, para as cidades nacionais), intermediárias (em sua grande parte) e irregulares.

A variável 3 (V3), corrobora as conclusões de Medeiros (2013) para as cidades coloniais brasileiras que, tal qual a Colônia do Sacramento, não podem ser consideradas como uma unidade de forma-espço estritamente orgânica, embora seu conjunto tombado tenha suas origens nos assentamentos urbanos portugueses da época colonial.

O que se observa na malha urbana da Colônia do Sacramento pela ótica da variável 3 (V3), somado às conclusões das variáveis 1 (V1) e 2 (V2) compõe o que aqui denominamos de *hibridismo configuracional*, muito observado nos processos de espalhamento urbano. Os antigos assentamentos coloniais se transformaram em cidades do presente, produto de ações globais, e os espaços pioneiros parecem se manter dispersos em uma mancha urbana sem unidade. Outras variáveis

configuracionais, tais como tipo de interseção entre eixos, existência de linhas de atribuição global e função das maiores linhas do sistema, bem como a medição e a comparação das áreas ocupadas pelos diferentes tipos de malhas, podem ser indicativos quantitativos mais precisos para trabalhos futuros dada a relevância da Colônia do Sacramento no processo de consolidação de cidade colonial ibérica.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Carlos de. **A Arte de Goa, Damão e Diu**. Lisboa: Comissão Executiva do V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama, 1970.

CHIN, Nancy. **Unearthing the Roots of Urban Sprawl: a critical analysis of form, function and methodology**. Londres: CASA (Centre for Advanced Spatial Analysis, UCL), 2002. Disponível em: <https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/249/1/Paper47.pdf>. Acesso em: 27 set. 2018.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

CALDEIRA, Junia Marques. A Praça Colonial Brasileira. **Arquitetura e Comunicação Social**, Brasília, v. 7, n. 1, p. 19-39, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/arqcom/article/view/1113>. Acesso em: 14 jul. 2019.

COUTINHO, Evaldo. **O Espaço da Arquitetura**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DANTAS, Ana Cláudia de Miranda. Cidades Coloniais Americanas. **Arquitextos**, São Paulo, ano 5, n. 050.05, jul. 2004. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.050/566>. Acesso em: 28 jul. 2019.

HILLIER, Bill; HANSON, Julienne. **The social logic of space**. Londres: Cambridge University Press, 1984.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Brasília: EdUnB, 1963.

HOLANDA, Frederico de. Arquitetura Sociológica. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 9, n. 1, p. 115-129, 2007. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/174>. Acesso em: 13 jul. 2019.

LOUREIRO, Juliana Coelho. Quintais de Olinda: uma leitura indiciária sobre sua gênese. **Anais do Museu Paulista: história e cultura material**. São Paulo, v. 20, n. 1, p. 231-281, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/39814>. Acesso em: 10 jul. 2019.

MEDEIROS, Valério Augusto Soares de. **Urbis Brasiliae: o labirinto das cidades brasileiras**. Brasília: EdUnB, 2013.

MOREIRA, Cecília de Lourdes Porto Gaspar. **Colônia do Sacramento: Permanência Urbana na Demarcação de Novas Fronteiras Latino-Americanas**. 2009. 131 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

RESENDE, Maria Efigênia Lage; MORAES, Ana Maria. **Atlas Histórico do Brasil**. Belo Horizonte: Vigília, 1987.

TEIXEIRA, Manuel C. A Colônia do Sacramento: expressão do urbanismo português seiscentista. **Anais do Colóquio Internacional Território e Povoamento: a presença portuguesa na região**

platina. Colônia do Sacramento, p. 1-13, mar. 2004. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/coloquios-e-congressos/a-presenca-portuguesa-na-regiao-platina/392-392/file.html>. Acesso em: 17 jun. 2019.

TEIXEIRA, Manuel C. **A Forma da Cidade de Origem Portuguesa.** São Paulo: Editora Unesp, 2012.

UNESCO. **Bairro Histórico da Cidade de Colônia do Sacramento.** 2018. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/747>. Acesso em: 27 set. 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade Espacial 94

Agências bancárias 69, 70, 71, 72, 73, 78, 79

Álvaro Siza 41, 42, 43, 44, 48, 49, 50, 51, 58, 59

Arquitetura Moderna 1, 2, 4, 6, 14, 18, 19, 20, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 37, 38, 40, 50, 58, 123

Arquitetura ribeirinha 82, 83

Art déco 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 76, 143, 144

B

Bairros-jardim 110, 112, 127

C

Casa do Chame-Chame 1, 2, 4, 5, 9, 10, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21

Cicloturismo 60, 61, 62, 63, 68

Cidade 3, 5, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 47, 59, 69, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 83, 88, 94, 95, 97, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 127, 128, 130, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 179

Colônia do Sacramento 95, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109

Colonização espanhola 95, 100

Colonização portuguesa 95

D

Dimensão Fractal 153, 154, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167

E

Efeito Genérico 140, 141, 142, 144, 152

Espaço 17, 19, 23, 30, 31, 44, 47, 48, 50, 57, 58, 69, 72, 73, 74, 75, 78, 85, 88, 93, 94, 95, 97, 98, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 112, 113, 119, 123, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 151, 152, 153, 156, 159, 178

F

Função 18, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 78, 108, 113, 148, 156, 171, 172, 176, 178

G

Goiânia 32, 37, 39, 40, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 150, 152

L

Lina Bo Bardi 1, 2, 4, 6, 8, 9, 10, 12, 13, 15, 19, 21, 22, 23

Linguagem arquitetônica 25, 33, 39, 41

M

Matemática aplicada ao urbanismo 154

Museus 41, 43, 44, 80

O

Ocupação 73, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 106, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 121, 126, 145, 153, 155, 165, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178

P

Padrões morfológicos 96, 165

Permanências Urbanas 140, 141, 143

Projeto 5, 6, 9, 10, 11, 18, 21, 25, 38, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 56, 57, 58, 60, 68, 69, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 94, 113, 114, 116, 125, 126, 128, 130, 141, 143, 144, 145, 148, 152, 165, 178

R

Ressignificação 69, 72

T

Território 26, 85, 90, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 106, 107, 108, 111, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 138, 142, 143, 180

Tombamento 110, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 143, 144

U

Urbanismo fractal 154

V

Vazios urbanos 102, 107, 153, 154, 155, 171, 178

 **Atena**
Editora

2 0 2 0